

A terra prometida

Finalmente, Billy acordou. Ao ver na soleira da porta um rapaz com o casaco azul de camareiro, recordou-se de que tinha dito «entre». Agora ali estava ele a segurar uma bandeja com um bolo e ovos de Páscoa coloridos.

— O comandante envia-lhe isto — disse ele — e deseja-lhe uma Páscoa feliz.

— Obrigada — agradeceu Billy.

Ele colocou a bandeja em cima de uma cadeira junto da cama e saiu. Billy ainda o chamou uma vez.

— Diz que me tragam o café.

O bolo tinha um aspeto fresco e tentador, e ela sentiu vontade de o comer. Já era tarde e tinha dormido muitas horas.

Enquanto bebia o café e comia bolo, foi-se recordando lentamente do que se passara antes de adormecer. Lembrou-se de ter visto os bolos de massa fresca e branca na padaria do barco e que o comandante tinha prometido enviar-lhe um. Conduzira-a através da sala das máquinas, que parecia os bastidores de um enorme teatro, e, estonteada devido ao calor, ela descera uma escada que conduzia às profundezas do navio, até o retumbar dos pistões e o calor se terem abatido sobre ela. Caminhara sobre placas metálicas untadas de óleo e

passara entre duas caldeiras, sem lhes tocar nas paredes escaldantes. Tinham chegado à ponte de comando, onde ele lhe explicara os instrumentos cintilantes, e ela vira a larga esteira de água leitosa, iluminada e lisa, que se estendia diante deles, cortada pela quilha do barco que lançava para ambos os lados pequenas vagas suaves.

Durante o jantar, o vizinho dissera-lhe que no dia seguinte se ia levantar de manhã cedo para mostrar Jafa à filha. Chamava-se Levy e era professor de química em Freiburg. Conhecia muito bem a Palestina, mas agora fazia-se acompanhar pela filha, e iam lá ficar. Ela não queria crescer na Alemanha, mas na Palestina, e o que os nazis tinham feito ao pai não a afetaria mais do que os *pogroms* na Bessarábia. Na Palestina teria uma infância feliz...

Com um movimento rápido, Billy afastou o lençol e vestiu-se. Quando chegou à coberta, o sol quente do meio-dia já estava ardente, e a maioria dos passageiros, deitados nas suas cadeiras de repouso, tinham protegido a cabeça com guarda-sóis, chapéus brancos e lenços. Soprava uma brisa suave, e seguiam ao longo de Telavive. Diante da cidade estendia-se uma faixa de praia branca e castanho-ferrugem. As casas de Telavive eram brancas, havia ruas largas e brancas e prédios novos e altos, com muitos pisos, e do mar avistavam-se as ruas animadas. Junto da amurada, Billy olhava a nova Palestina. Nessa altura, o doutor Levy chegou à ponte de comando, a dar a mão à filha e com o vento a pôr-lhe o cabelo em pé.

— Bom dia — cumprimentou —, procurámo-la por toda a parte para lhe mostrarmos Jafa.

— Estava a dormir — respondeu Billy. E, em seguida, dirigindo-se à menina, disse: — Devias ter-me acordado!

— Não tem importância — disse o doutor Levy. — Faz-lhe bem dormir.

E mostrou-lhe a pequena cidade portuária de Jafa, que nasceu ao abrigo de uma colina antes de começar a trepar a elevação com as suas casas turcas e mesquitas. Parecia uma pequena cidade medieval italiana à beira-mar. Depois começava Telavive, que se estendia ao longo da praia.

— Além, à esquerda, está a ver um edifício vermelho-escuro? É a Casa dos Sindicatos — explicou o doutor Levy. — Esta cidade de Telavive é mesmo horrorosa. Mas não tem importância.

— Pois não — concordou Billy.

O doutor Levy baixou os olhos para o risco de cabelo da filha.

— E agora vamos passar o dia a navegar ao longo da costa da Palestina — disse ele.

Billy escutou com toda a atenção quando ele começou a falar sobre os colonatos, que se avistavam do barco no cimo das altas falésias da margem, e sobre os novos laranjais que, verde-escuros, cerrados e regulares, se distinguiam dos árabes, definhados e pouco cuidados. Depois almoçaram e a seguir subiram de novo os três para a coberta. O barco continuava a seguir a costa dourada e banhada pelo sol. As falésias da margem tinham-se tornado mais altas, e sobre as elevações em segundo plano viam-se aldeias brancas, que haviam sido fundadas no tempo de Herzl e de Rothschild e que não correspondiam ao ideal dos novos colonatos comunitários.

Por volta das quatro da tarde aproximaram-se de Haifa. No salão começou a ouvir-se música ligeira, e as pessoas deixaram as cadeiras de repouso e desceram.

Quando o comandante chegou vindo da ponte de comando, o doutor Levy disse que queria ver o porto de Haifa com Judith, e dirigiu-se com ela para a proa.

Billy viu o comandante aproximar-se e as suas recordações entraram de novo em ação. Ele era baixo e tinha os ombros

muito subidos. Era como se tivesse uma corcova, constatou ela. Tinha um rosto pálido, os olhos inflamados e uma boca estreita, sarcástica e sofredora. Parecia estranhamente cansado e descontente.

— Boa tarde — cumprimentou-a.

— Foi muito gentil da sua parte mandar-me o bolo de Páscoa.

— Dormiste bem?

— Sim, obrigada.

— Ontem à noite estavas tão cansada — disse ele sem a olhar — que te refugiaste no sono.

Billy não respondeu. Já estavam a entrar no porto.

— Tenho de ir — disse o comandante. — Às seis horas está bem para si?

— Perfeito — concordou ela, com um aceno de cabeça.

Ele afastou-se e Billy começou a percorrer a coberta, até à classe turística, depois foi de novo para a proa, passando pelas janelas abertas do salão, que estava vazio. Voltou para trás, mas tinham impedido o acesso à classe turística com uma corda, atrás da qual se encontravam os emigrantes que, com os seus sacos e mochilas, esperavam que os deixassem desembarcar. Eram todos judeus e, na sua maior parte, eram jovens judeus da Alemanha. Durante a viagem, tinham feito uma coleta para oito passageiros da entrecoberta, que viajavam no barco sem comida nem alojamento, cinco rapazes e três raparigas, que, com os seus corta-ventos agora esperavam atrás da corda que os deixassem entrar na Palestina.

Primeiro deixaram passar os passageiros da primeira classe. Saíam pela porta do salão, entregavam-lhes o passaporte, desciam a escada do portaló e passavam pelos dois polícias árabes. O doutor Levy chegou, conduzindo a filha pela mão. Estava muito excitado, radiante como todos os outros, e

apressava-se a deixar o barco. Porém, ao ver Billy junto da amurada, dirigiu-se a ela para se despedir.

— Desejo-lhe muita sorte — disse Billy.

Seguiu-o com o olhar, a vê-lo descer a escada vacilante, a dar toda a atenção para que a pequenita não tropeçasse. Assim, fundeado no cais, o barco parecia muito alto. Lá em baixo via-se uma multidão de pessoas que tinham amigos e conhecidos a bordo e que agora esperavam que eles passassem pelo controlo de passaportes. Faziam sinais em direção à amurada, a maioria ria com a alegria a inundar-lhes o rosto, e procuravam gritar qualquer coisa, mas era demasiado alto e os passageiros lá em cima, sem conseguirem perceber nada, respondiam agitando os braços, fazendo sinais e também a rir. Outros limitavam-se a chorar. Os oito jovens da entrecoberta foram recebidos por uns rapazes muito parecido com eles e que até vestiam corta-ventos. Billy viu como correram uns para os outros e se abraçaram, e só depois trocaram apertos de mão. Em seguida, os rapazes pegaram nas mochilas dos recém-chegados, e afastaram-se todos juntos, passando entre os polícias árabes e as longas filas de carregadores curvados.

Eram quase sete horas quando todos os passageiros receberam os seus passaportes e deixaram o barco. O comandante saiu da porta do camarote. Estava em traje civil e levava dobrado no braço um impermeável semelhante a uma capa de oficial.

— Vamos? — perguntou a Billy.

Ela fez que sim com a cabeça e, seguindo à frente dele, passou por dois jovens oficiais, que levaram a mão ao boné.

— Olha, meu velho — disse um deles ao comandante —, não te esqueças da partida esta noite.

Junto da porta da cabina, Billy viu um quadro preto com o nome do barco e, por baixo, escrito a giz: *Partida de Haifa hoje à meia-noite.*